

COLÉGIO SANTA CLARA

# Estudo do Meio Ubatuba/ Paraty



7º ano C

São Paulo  
2015

Colégio Santa Clara

## Diário de Viagem Ubatuba/ Paraty

Trabalho desenvolvido pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que compõe uma das produções feitas a partir do estudo do meio realizado em Ubatuba e Paraty, em maio de 2015.

**Professores responsáveis pela produção e revisão textual:**

Maria Helena Almeida, Regiane Boainain, Shirley Santos, Vera Mortari

**Professores Colaboradores:** Ademar Pozzer, Luciane Rosenbaum, Renata Perche e Vanessa Queiroz – nosso obrigado pelos momentos concedidos de suas aulas para nossa produção.

**Edição gráfica final:** Ana Claudia Loureiro

São Paulo - 2015

# Aldeia Boa Vista

Breno  
Gabriel Enrico  
João Anthero  
Julia  
Mariana Marques  
Pietra  
Sofia.

**11/05/2015**

Chegamos à escola muito cedo. Todos estavam animados. Estava sol, porém frio. Os alunos de nossa sala foram divididos em dois ônibus (porém havia mais um ônibus que não tinha ninguém da nossa classe). Todos os ônibus tinham uma programação diferente, então, por exemplo, enquanto um ônibus iria para a Aldeia, um iria para o Núcleo Picinguaba.

O grupo, que iria à Aldeia Boa Vista, almoçou em um restaurante chamado “Raízes”. A comida era muito boa!!!! Algumas pessoas comeram o peixe com banana, que em Paraty é chamado de azul-marinho.

Logo após, seguimos à Aldeia Boa Vista, que está localizada no Sertão Prumirim, município de Ubatuba, litoral norte de São Paulo, seu nome é esse, pois a vista para o mar é bonita. Já estava quente. Quando chegamos, tivemos que andar por uma estrada de terra e uma trilha para chegar até a Aldeia. Eram aproximadamente 2 km. Foi muito cansativo, pois a estrada era muito íngreme e também fomos andando debaixo do sol.

A caminhada foi feita dentro da Mata Atlântica, que era alta, fechada,

muito úmida e com grande diversidade de plantas. Lá, encontramos diversas plantas, como as samambaias, bromélias, pau-brasil, ananás e pinheiros. Durante a subida para a aldeia, os guias e a professora Vera mostraram e explicaram sobre algumas plantas, principalmente a samambaia, que é uma pteridófito, ou seja, ela possui todas as estruturas de uma planta (raiz, caule e folha), mas não produz sementes ou flores ou frutos. Os báculos são estruturas que vão dar origem para uma nova folha. A samambaia está correndo risco de extinção, pois é dessa planta que se extrai o xaxim, que, agora, só pode ser extraído se a samambaia for plantada com essa finalidade.



Durante a caminhada, os meninos se ofereceram, em troca de dinheiro para carregar algumas malas.

Quando finalmente chegamos, encontramos uma escola, um posto de saúde e um parquinho onde tinha crianças Guarani brincando. Depois disso, tivemos que andar por uma trilha, mais estreita que a estrada. O solo nessa segunda parte da trilha era mais escorregadio, mais liso e mais úmido. Existiam vários musgos que cobriam as pedras, então as chances de cairmos no chão eram grandes. Vimos vários animais, como: cachorros, gatos, aves e insetos variados...

Os indígenas Guarani são baixos, usam roupa como pessoas na área urbana e são muito simpáticos!!!

Depois fomos à casa de reza, conhecida como OPY. Lá, havia um

indígena que tocava flauta. Ele tocava bem. O cacique Altino explicou um pouco mais sobre a aldeia. Nela, o dinheiro não é prioridade, e é usado somente para sobrevivência. O dinheiro que eles conseguem arrecadar é normalmente adquirido por meio das vendas de objetos artesanais no centro de Ubatuba, ou nas margens da avenida BR101.

A quantidade da população é aproximadamente de 500 indígenas, que não podem mais caçar, pois estão em uma área preservada. Eles ainda sofrem preconceito pela sua etnia. Como eles não podem mais caçar, eles usam o dinheiro para comprar alimentos e roupas.

Conhecemos também a escola da FUNAI, na qual os estudantes aprendem as mesmas disciplinas existentes em nossa escola, mas, ao invés de inglês, há a aprendizagem do guarani, para que a cultura local não seja esquecida. Além da escola da FUNAI, a prefeitura também está providenciando melhorias na estrada, construção de mais casas e também um sistema de tratamento de esgoto, para aumentar o turismo. No caminho de volta para o ônibus, começou a chover e, como a trilha era de barro e de pedra, muitas pessoas escorregaram e tiveram quedas. Voltamos encharcados para o ônibus.

Situação do índio atualmente:

- Algumas vezes ocorre o descumprimento do direito à educação.
- Algumas vezes, a demarcação do território é descumprida.
- Muitos outros direitos atualmente são descumpridos.

**13/05/2015**

**Aquário de Ubatuba**

Nós do segundo grupo, iríamos para a Aldeia Boa Vista, no último dia, mas, pelas péssimas condições climáticas tivemos de ir a outro lugar e, por isso, fomos ao Aquário de Ubatuba, pois iria nos mostrar mais sobre nosso conteúdo.

Então, fomos ao aquário de Ubatuba. O aquário era muito legal. Conseguimos observar peixes, crustáceos, tubarões, e aprendemos mais sobre os ecossistemas costeiros. Conseguimos até tocar em uma estrela do mar, no aquário fomos também fomos a um museu que ficava lá dentro. Neste museu, vimos peixes e tubarões mortos, que, porém, estavam conservados.

A viagem foi muito legal, apesar de um imprevisto, a experiência de viajar em grupo foi muito boa e importante para o nosso conhecimento sobre a história de Paraty.

## **Referências bibliográficas**

<http://www.ubatuba.sp.gov.br/parceria-entre-prefeitura-de-ubatuba-e-aldeia-boa-vista-preve-acoes-para-o-desenvolvimento-da-comunidade-e-do-municipio/>

**MACEDO, Maria Daniela Corrêa; BARROS, Denise Dias.** Saúde e serviços assistenciais na experiência de jovens Guarani da comunidade Boa Vista. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, nº 3, p.182-188, SP

# Centro Histórico de Paraty

Carolina  
Giovana Hampl  
Giovanna Lannocca  
Isabella Barone  
João Pedro  
Manuel

**12-05-15**

Depois do almoço, fizemos uma viagem no tempo, indo para o centro histórico de Paraty, localizado no Rio de Janeiro. O Centro Histórico de Paraty originalmente foi uma sesmaria (porção de terra), doada por Maria Jacome de Melo, com o intuito de acomodar a população. Já conhecíamos um Centro Histórico, a famosa Praça da Sé, localizada em São Paulo. Tanto o Centro Histórico de Paraty quanto o de São Paulo fizeram parte de história do nosso país. Ambos fazem parte de nosso, patrimônio histórico (quaisquer bens materiais ou morais pertencentes a uma pessoa, instituição ou coletividade).

Na época em que o Brasil era uma colônia de Portugal (época colonial), Paraty era um dos portos mais importantes do Brasil, que era responsável por exportar o ouro para Portugal, vindo de Minas Gerais. A Coroa Portuguesa exigia que o ouro passasse por Paraty, assim ele poderia ser fiscalizado.

Caminhar no Centro traz certa dificuldade por causa do calçamento chamado pé-de-moleque, que provavelmente não é o original e, talvez, tenha sido colocado após um tratamento de esgoto de uma maneira desorganizada. Antes disso, as pessoas jogavam seus dejetos na rua. Como Paraty foi construída estrategicamente para receber a água do mar, a sujeira era levada embora sem que tivesse necessidade de um sistema de esgoto aos moldes atuais. Há uma parte do calçamento original dentro da Igreja Matriz, que,

talvez, tenha sido trazido por mulas direto de Minas Gerais.



**Calçamento Pé-de-Moleque**

As pessoas, em relação à visita às igrejas, eram separadas racialmente, por classe social e por sexo. Portanto, existiam igrejas para ricos, pobres, negros, brancos, homens e mulheres.

Nossa primeira parada foi na igreja Nossa Senhora dos Remédios. A primeira impressão que tivemos foi que ela era menor por fora do que por dentro. Quando entramos nela, nos sentimos pequenos em relação ao edifício. Estudamos que as autoridades da Idade Média (período anterior à Idade Moderna e o período colonial) queriam que as pessoas notassem que Deus era maior que homem e reconhecessem, assim, a grandeza do Criador. Dessa forma, as Igrejas eram muito altas, para que o homem se sentisse pequeno.

Na igreja que visitamos, observamos que o seu teto era alto e, em suas paredes, havia gabinetes que eram destinados aos nobres para que assistissem às missas em uma melhor perspectiva. Hoje em dia, a igreja tem tons mais fortes de laranja, dourado, amarelo e vermelho em seu interior. A Igreja Matriz foi a primeira igreja a ser construída no Centro Histórico, sendo ela uma exigência de Maria Jacome de Melo ao doar a sesmaria. Ela começou a ser construída em 1787 e até hoje ela não foi concluída por falta de recursos financeiros. Seu estilo arquitetônico é chamado neoclássico, estilo que, no século XVIII, tinha traços de uma nova burguesia que predominava na sociedade após a Revolução Francesa e o Império de Napoleão Bonaparte.

Tem como característica o retorno do passado, tido pela imitação das artes greco-latinas. Esta igreja foi construída especialmente para os brancos.

Uma pessoa entrevistada, que trabalha na igreja, disse que estavam se preparando para a festa do Divino Espírito Santo, que ocorre todo ano, do dia 15 ao dia 24 de maio e, provavelmente, chegou ao Brasil trazido pelos colonizadores e vem acontecendo em Paraty desde o século XVIII. Na verdade, as pessoas prepararam a festa durante todo o ano e, por isso, tal festividade requer um enorme e incansável esforço de organização, mobilizando a comunidade de cidades vizinhas e representando, portanto, uma grande expressão de fé e permanência histórica. A arquitetura de Paraty e esses tipos de comemorações são hoje seu maior patrimônio, pois é um pedaço da história que permanece até hoje. Infelizmente, não tivemos a chance de presenciar essa festa.



**Igreja Matriz na festa do Divino Espírito Santo**

Paraty também faz outras celebrações religiosas, como no feriado de Corpus Christi, durante o qual são espalhados, pelas ruas do Centro Histórico, tapetes coloridos feitos com sal, flores e pó de cafés. Os desenhos são elaborados com inspiração na tradição católica.

Continuando nossa caminhada, pudemos notar que as ruas não são arborizadas, pois as raízes vegetais prejudicavam a construção, a pintura das casas e o calçamento.

Pudemos observar a arquitetura e percebemos seus detalhes com

nossos próprios olhos. As casas são elevadas 30 cm do chão por causa de ocasionais alagamentos. As portas dos edifícios e residências são grandes para deixar a luz entrar e possuem uma abertura de ventilação. As janelas, por sua vez, têm o estilo guilhotina e são de treliça, servindo para que a luz do sol possa entrar. Porém, a pessoa de dentro da casa não possa ser vista por quem está na rua.



**Janelas de treliça e porta com abertura**

Algumas casas possuem o cunhal de pedra, que é uma das presenças maçônicas no Centro Histórico. Maçonaria é uma sociedade secreta, universal, onde as suas ações são reservadas apenas para aqueles que nela participam, seus princípios são liberdade dos indivíduos e grupos humanos, igualdade dos direitos sem preconceito e fraternidade de todos os homens já que são filhos do mesmo Criador. É uma sociedade religiosa que reconhece a existência de um único Deus (conhecido como grande arquiteto universal), sendo uma entidade espiritualista em contraposição ao predomínio do materialismo.

Os maçons, provavelmente, foram perseguidos pela Inquisição durante a época colonial, que foi o período em que o Brasil era uma colônia de Portugal. Para escaparem das acusações do clero português, criaram uma simbologia entre si para se reconhecerem, identificando que, em certas casas, havia moradores maçons. Nos cunhais de pedra, eram estampados símbolos da maçonaria (triângulos, por exemplo).



**Cunhal de pedra em casa de Paraty**

Ao longo do Centro, existem seis portas que são abertas somente um dia do ano, sexta feira santa, não tivemos a chance de vê-las, mas, quando abertas revelam um lindo altar (na nossa imaginação é lindo).

Pudemos ver de perto outras construção além da matriz. Na igreja Nossa Senhora das Dores, a vista era bela de ambos os lados, tanto no lado da igreja quanto o do mar. Esta é a menor das igrejas que há no Centro Histórico. Em cima de sua única torre, existe a figura de um galo, que guiava os marinheiros pelos mares.

Foi construída em 1800 para a aristocracia, que é forma de organização social na qual uma camada social privilegiada é a única que controla o Estado, enquanto a maioria é excluída da participação política e da posse das riquezas. Com o isolamento da cidade a partir de 1870, a igreja ficou abandonada até 1901, até que a irmandade Nossa Senhora das Dores, composta somente de mulheres, a reformou. Atualmente, ela “é conhecida como “ Capela das Dores” ou “Capelinha”. Projetada para ter duas torres, apenas uma foi concluída. Na parte de trás da igreja há um cemitério em estilo columbário (com tumbas embutidas). A casa vizinha à igreja é a casa do príncipe, descendente da família real. Foi construída recentemente, mas apresenta o estilo da época colonial, mas, obviamente, não faz parte da história do Brasil nesse período.



**Igreja Nossa Senhora das Dores**



**Casa do Príncipe**

Continuando nossa caminhada para a igreja Santa Rita, observamos o trajeto das ruas, que eram “tortas”. De certo modo, não conseguíamos ver seu fim, pois uma curva nos impedia de fazer isso. Tratava-se de uma estratégia militar aplicada no planejamento das ruas, já que Paraty era um importante entreposto comercial. Como a cidade tinha uma função portuária, ataques de piratas eram um risco. Mas, pelo que descobrimos, esses nunca ocorreram.

As ruas “tortas” também, provavelmente, foram outra estratégia para evitar o ataque de ladrões estrangeiros, já que esses não poderiam ver os exércitos postados em seu final, após a curva. Já os arruadores (pessoas que planejam as ruas) deixaram em seus relatos a informação de que o traçado das ruas foi feito para evitar o vento encanado nas casas e distribuir igualmente o sol nas residências. Também é possível ver que as ruas são em formato de “V”, isso porque, como não havia Saneamento Básico até o século XIX, as fezes, antes disso, eram jogadas nas ruas, o que não quer dizer que havia sujeira. Como a cidade era voltada para o mar, a maré “varria” as ruas

enquanto subia, levando as impurezas para longe.



**Rua de Paraty alagada**

Caminhamos até a igreja Santa Rita, que é a igreja mais antiga de Paraty, tendo sido aberta ao público no dia 30 de junho de 1722. Lúcio Costa, o arquiteto que ajudou a projetar a cidade de Brasília, considerou-a um belo exemplo da arquitetura religiosa na cidade. Numa construção anexa à igreja, está o cemitério da Irmandade construído no século XIX em estilo columbário (com tumbas embutidas). Existe nesse anexo, uma fonte de água transparente que muitos acreditavam ser milagrosa e faz parte de uma lenda chamada de “Noiva Sedenta”.

Havia uma noiva que, um dia antes de seu casamento, morreu de uma doença muito comum na época. Porém, no dia de seu enterro, seu noivo tentou impedir que a moça fosse enterrada, pois estaria viva, o que tinha sido verificado quando apareceu para ele na noite anterior dizendo estar com sede. Ninguém acreditou nele. Alguns dias depois, houve reclamações de barulhos vindos do cemitério. A população achou que eram feitos pela falecida mulher cujo noivo afirmava estar viva. Para conferir se ele estava certo, desenterraram o caixão, que estava cheio de marcas de arranhões. Estava certo que a noiva realmente estava viva e havia morrido, talvez, de sede. Até hoje, há rumores de que, à meia noite, é possível ver a noiva rondando a fonte, sedenta por água. Você se arrisca a tentar ver a noiva?

Hoje, a Igreja é um museu de arte sacra, ou seja, de produções artísticas que ficam dentro de templos religiosos católicos. A exposição foi feita com o intuito de estreitar ainda mais a relação entre a população local, seus

ritos religiosos e suas festas. O Museu de Artes Sacras de Paraty foi reaberto novamente no sábado dia 13 de junho de 2015, após uma longa reforma.



**Igreja Santa Rita**

Após tirarmos uma foto em frente ao edifício, visitamos a igreja Nossa Senhora dos Rosários e São Benedito, que era destinada aos escravos, tendo sua construção iniciada no ano de 1725 e conclusão no ano 1757.

Por fim, fomos embora do centro Histórico de Paraty, caminhando em direção ao hotel. Íamos fazer a ciranda no Centro Histórico, mas o tempo não foi nosso amigo e começou a chover. Por isso, fizemos a dança no hotel e perdemos a chance de uma ciranda com a participação de todos os alunos, mas ainda assim foi divertido, embora tenha sido feita a divisão em dois grupos. A ciranda é uma dança de origem portuguesa, tipicamente praticadas em praias, muito conhecida no século XIX. Suas primeiras apresentações ocorreram no norte de Pernambuco, espalhando-se, depois, por todo estado e por outras regiões. Os participantes da dança são denominados cirandeiros ou cirandeiras.

Está viagem foi muito divertida e extremamente educativa, nos sentimos muito felizes por escrever sobre um lugar tão incrível como o Centro Histórico de Paraty, mas quando chegamos ao hotel, voltamos ao nosso tempo.

## Referências bibliográficas

ParatyOnline.com. Disponível em: <http://www.paratyonline.com/jornal/2015/06/fotos-do-corpus-christi-2015-em-paraty>. Acesso em 10 junho. 2015.

Mansur Neto, Elias. O que você precisa saber sobre a Maçonaria. São Paulo: Universo dos livros, 2015, págs. 66, 67, 70,93.

[www.klicedução.com.br](http://www.klicedução.com.br). Disponível em: [www.klicedução.com.br/bcoresp\\_mostro/0,6674,por-673-5940,oo.html](http://www.klicedução.com.br/bcoresp_mostro/0,6674,por-673-5940,oo.html). Acesso em 17 junho 2015.

Paraty.com.br. Disponível em: [www.paraty.tur.br/maçonaria.php](http://www.paraty.tur.br/maçonaria.php). Acesso em 04 maio 2015

[www.Paratyvirtual.com.br](http://www.Paratyvirtual.com.br). Acesso em 20 maio 2015

Wikipédia. Disponível em [www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br). Acesso em 19 maio 2015

Significados.com. Disponível em: [www.significado.com/o-que-e-maçonaria/](http://www.significado.com/o-que-e-maçonaria/). Acesso em: 19 de maio 2015.

EducaçãoBrasil.com. Disponível em: [www.educaçao brasil.com/o-que-e-neoclassismo-caracteristicas/](http://www.educaçao brasil.com/o-que-e-neoclassismo-caracteristicas/). Acesso em: 21 agosto 2015.

Michaelis escolar português. Dicionário escolar Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002. -(Dicionários Michaelis).

# Núcleo Picinguaba

Ana Carolina  
Isabella Pessina  
Leonardo  
Lucas dos Santos  
Mariana Noronha  
Milena

**12/05/2015**

Acordamos cedo. O dia estava ensolarado. Nosso plano era conhecer o Núcleo Picinguaba. Saímos do hotel às oito horas da manhã e chegamos ao Núcleo, que faz parte de uma reserva ambiental chamada Parque Estadual da Serra do Mar, um lugar calmo, longe da movimentação urbana, natural e com grande diversidade de animais e plantas.



Barco no Manguezal- Foto tirada por Isabela Pessina

Dentro da reserva ambiental, há 9 núcleos. O Núcleo Picinguaba surgiu em 1977 e ocupa 23 municípios, sendo a maior área de conservação ambiental da Mata Atlântica. Suas florestas garantem o abastecimento de água para 120 milhões de pessoas por meio da infiltração de água no solo e a maior umidade fornecida pelas árvores. Dessa forma, a manutenção dos recursos hídricos para o abastecimento das cidades depende da vegetação, que protege a estabilidade das encostas, contribuindo para o equilíbrio do clima. O parque protege cerca de um quinto de todas as aves do planeta, além de ser o único

núcleo que protege a praia. A reserva ambiental da Serra do Mar protege um bioma (conjunto de ecossistemas terrestres) importante, sendo ele a Mata Atlântica, e muitos ecossistemas, que são o manguezal, costão rochoso, mata de encosta, restinga e praia. Tem grande importância, pois com a conservação desses locais é possível preservar e conhecer diferentes espécies, como bromélias e vários peixes.

Com sua extensa área e rica biodiversidade, a Mata Atlântica passa por muitas degradações e ameaças, ao longo dos anos, causadas pelo homem, como a destruição da vegetação, retirada ilegal do palmito e a pesca e a caça excessivas. Por consequência, muitas pesquisas estão sendo feitas sobre espécies que vivem nesse local, como é o caso da onça-pintada, que está entre as principais espécies de animais com risco de extinção, fazendo parte da cadeia alimentar da Mata Atlântica, diz pesquisador Ronaldo Morato, o coordenador do centro nacional de pesquisa e conservação de mamíferos e carnívoros.

No Núcleo Picinguaba, há três vilas caiçaras, sendo uma delas composta por pescadores de Picinguaba. Caiçara é uma palavra de origem tupi, que se referia aos habitantes das zonas litorâneas.

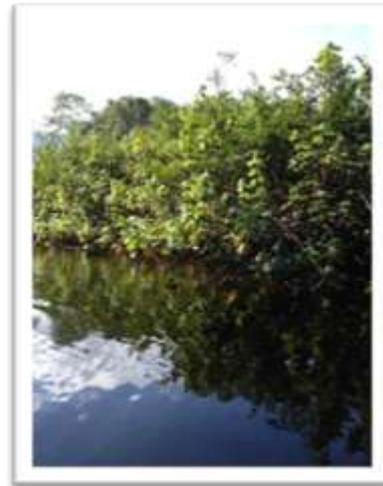
Quando chegamos ao local, assistimos a uma palestra para conhecê-lo melhor. Aprendemos que, em guarani, Picinguaba significa abrigo de peixes. Dentro do lugar, já foram feitos 377 estudos sobre os animais. Atualmente, as pessoas não podem morar na reserva ambiental, pois é uma área de conservação, assim as pessoas podem causar danos ao ambiente.

Muitos desses itens, como a preservação da fauna e da flora e outros assuntos muito importantes para o núcleo, são discutidos em reuniões, como no dia 06 de abril de 2015, quando foi realizado o segundo workshop de pesquisas científicas em Ubatuba. O evento contou com a participação de 70 pesquisadores do Núcleo Picinguaba e promoveu a discussão de assuntos prioritários, como, por exemplo, a infraestrutura de apoio e acompanhamento. Concluiu-se, ao fim do evento, que houve uma avaliação completa do Programa de Pesquisa da Unidade e promoveu o conhecimento gerado para a

gestão, manejo dos recursos naturais e resolução de conflitos socioambientais, o que é significativo para a manutenção da reserva ambiental.

Vimos também uma pequena exposição de itens de diferentes lugares, sendo alguns deles: insetos, barcos, sementes, redes de pesca e cartazes, além de fotos do núcleo. Ao término da observação, seguimos para o manguezal enquanto outra parte do grupo de estudantes visitava a praia.

O manguezal localiza-se em uma área plana após a praia, constituindo um ecossistema (conjunto de relações entre uma comunidade de organismos e seu meio ambiente) de grande importância, pois apresenta muitos nutrientes que tornam esse ambiente um berçário para muitos seres, tais como: mamíferos, aves, peixes, moluscos e crustáceos, além de fornecer muitos recursos para o ser humano, como, por exemplo, material orgânico e peixes que servem de alimento para muitas pessoas.



**Vegetação do mangue no Núcleo Picinguaba- Fotos tiradas por Milena López**

No manguezal, fizemos um passeio de barco para conhecer o ecossistema e tivemos a oportunidade de pisar no manguezal e sentir o solo mole, lodoso e gosmento submerso pelas marés. Por essa razão, o solo é muito pobre em oxigênio, pois o espaço entre as partículas é ocupado pela água no lugar do ar.

Sentimos a água gelada e refrescante, era uma sensação boa. A água era salobra (mistura de água salgada dos mares e doce dos rios no mesmo ambiente), observamos várias características da vegetação, como: raízes aéreas, pneumatóforos e a vegetação predominante, que é composta pelo mangue vermelho, o mangue preto e o mangue branco. Vimos também animais nativos, como o siri e o caranguejo. Percebemos que, nas partes com a tonalidade mais escura, eram os lugares mais fundos. Porém, descemos em uma parte mais rasa, o que foi uma experiência incrível, apesar de nojento, já que nossos pés afundavam na lama e era muito difícil retirá-los, além de sentirmos muitos galhos no chão do manguezal. Foi uma vivência inédita!

Depois da visita ao manguezal, fomos para a Praia da Fazenda, que era limpa e bem conservada. Lá, não havia tantas pessoas, pois, como o local é uma reserva ambiental, há a proposta de que seja preservado. Desse modo, há um controle sobre a quantidade de pessoas que visita o lugar.



**Seres encontrados na Praia da Fazenda-Fotos tiradas por Isabela Pessina**

A vegetação predominante é a vegetação de praia, que recebe influência de fatores ambientais, como marés, ventos, chuvas e ondas. A praia é uma região de baixa diversidade de vegetais assim como o manguezal. Quando visitamos e caminhamos na praia, fizemos uma atividade onde tínhamos que coletar e separar diversos seres marinhos como: conchas, mariscos, bolachas do mar, estrelas do mar, entre outros, após separarmos os seres, sentamos na

areia e conversamos um pouco sobre as características de cada um. Isso foi muito interessante, pois foi como uma pequena aula, só que em um lugar totalmente diferente. Após essa explicação tivemos que deixar os seres lá em seu ambiente natural para a preservação das espécies e do lugar. Depois dessa atividade, entramos na água, que estava gelada. A cada passo, todos tremiam de frio. O tempo foi curto, mas, mesmo assim, todo mundo gostou, pois foi uma experiência muito divertida.



Durante essa caminhada, conhecemos a vegetação da restinga, que é um espaço de solo arenoso que não mantém contato com o mar, por esse motivo a vegetação é muito escassa. Porém, quanto mais longe a restinga fica do mar, a vegetação aumenta, chegando a formar uma floresta chamada mata de restinga. Nas fotos a seguir, podemos perceber uma folha característica da restinga, e um pouco dessa vegetação, encontrada na praia.



**Vegetação da restinga- Fotos tiradas por Isabela Pessina**

Como o grupo estava separado, alguns, ao chegarem à praia, atravessaram o rio e conheceram melhor o costão rochoso, onde aprenderam as três partes, que são elas: infralitoral, mesolitoral e supralitoral. Cada parte é caracterizada por alguns seres, como caranguejo, que pode andar por todas as camadas, e o marisco do mar, que se localiza na área do mesolitoral e infralitoral. Todos nós gostamos de atravessar o rio. A água estava gelada e

havia muitas correntezas. Foi muito divertido, o que causou várias. A água chegava até a barriga. Foi uma experiência muito legal!

Já a outra parte do grupo enfrentou um imprevisto e não conseguiram visitar o costão rochoso. Devido à maré alta, ficaram desapontados. Nós nos vestimos no vestiário que ficava dali a alguns quilômetros do costão rochoso, e fomos embora. A visita ao núcleo foi muito legal e interessante, pois nos forneceu muitas informações importantes sobre diversos ecossistemas e o importante bioma, a Mata Atlântica.

No Núcleo, todos os funcionários se esforçam para preservar a natureza, pois todos ambientes do parque que visitamos estão bem conservados. Apesar de não conhecermos o parque inteiro as boas condições dos lugares que passamos indicam uma ótima preservação. Isso significa que esse parque cumpre um papel muito importante em função de cuidar de todos os nove núcleos que são apresentados no Parque Estadual da Serra da Mata, esperamos que todos esses núcleos sejam bem preservados, assim como os ambientes que visitamos, nos quais, ao que parece, h um ótimo trabalho dos funcionários.

Nesse Estudo do Meio, realizado ao Núcleo Picinguaba, percebemos que uma área ou parque de conservação ambiental é muito importante na atualidade, pois, cada vez mais, os ambientes naturais e sua vegetação vêm sendo desmatados, principalmente a Mata Atlântica. É necessária a existência de organizações, que se preocupem em manter os ecossistemas e biomas indispensáveis para a nossa sobrevivência em questões de abastecimento de água, poluição e outras. As imagens a seguir representam as degradações que vêm ocorrendo no bioma da Mata Atlântica, o mais degradado pelo ser humano, devido à falta de planejamento urbano, interesses econômicos, mineração e outros motivos. Portanto, deve existir uma maior preocupação com a preservação dos biomas e ecossistemas por parte de nossos governantes e população.

Seguimos para a pousada e lá encontramos com os estudantes dos outros dois ônibus, nos arrumamos, jantamos e dançamos uma ciranda, isto é um tipo de dança que é caracterizada com uma grande roda e apresenta um ritmo bem animado que pode ser acompanhado de muitas palmas. Essa dança é realizada pelos cirandeiros, que, com sua música, encantaram todos naquela pousada. A atividade foi muito legal e divertida, ideal para finalizar a noite.

## Referências bibliográficas

**P.E.S. M- Picinguaba**, São Paulo, 18/06- 4 páginas- Folder Educativo, conhecer o núcleo e a Mata Atlântica.

**Batista, João Aguilar**- Viver Juntos Ciências 7- São Paulo: SM, 2014 página 50.

**Sistema Ambiental Paulista**. Disponível em: <http://fflorestal.sp.gov.br/2015/04/06/pesm-nucleo-picinguaba>. Acesso em 17/06.

**Maxpress**. Disponível em: <http://www.maxpressnet.com.br/conteudo>. Acesso em 17/06.

**Universidade de São Paulo**. Disponível em: [http://www.ib.usp.br/ecosteios/textos\\_educ/restinga/caract/praias\\_e\\_dunas.htm](http://www.ib.usp.br/ecosteios/textos_educ/restinga/caract/praias_e_dunas.htm). Acesso em: 12/06.

**Assis Célia, Toledo Abele Boni, Neto Sergio Romanuic, Cordeiro Inês**. Nossas plantas Mata Atlântica- São Paulo: FTD 1994, páginas 24 e 25

**lb.usp**. Disponível em: [www.lb.usp.com.br](http://www.lb.usp.com.br) . Acesso em 25/08

## Fontes das imagens

Desmatamento da Mata Atlântica. Disponível em: <http://conexaoal.com/mata-atlantica-perdeu-235-km%C2%B2-de-vegetacao-em-um-ano/>.

Desmatamento da Mata Atlântica. Disponível em: <http://marcosbau.com.br/geobrasil-2/biomas-brasileiros/>.

# Quilombo Campinho da Independência

Giulio  
Guilherme  
Isabele  
João Guilherme  
Luisa Baldo  
Pedro Assis  
Vitória Machado

**13/05/2015**

No dia 13/05/2015, visitamos o Quilombo Campinho da Independência. A caminho do Quilombo, no ônibus, adquirimos informações das características sobre o lugar e, assim, conseguimos ter noção como ele seria. Imaginando que o local fosse montanhoso, com vegetação excessiva...

Quanto mais o ônibus se aproximava, mais ansiosos ficávamos. Quando o ônibus parou, fomos orientados a descer.

O Quilombo Campinho da Independência tem seu principal objetivo manter viva a cultura negra, mostrando, assim, à sociedade atual, como os povos viviam na época quando o quilombo foi formado.

Este quilombo foi criado, no final do século XIX, por três mulheres (Antonica, Marcelina e Maria Luiza), após serem libertadas de uma fazenda. Criaram o quilombo para ajudar outros escravos fugitivos.



Imagem ilustrativa das três fundadoras

Os quilombolas vivem com a venda de seus produtos (farinha, produtos agrícolas, entre outros) do seu restaurante e por meio de excursões. Pesquisamos e descobrimos que vão cerca de 500 pessoas por mês ao restaurante do Quilombo e seus pratos variam de R\$30,00 a R\$50,00. Portanto, acreditamos que essa seja uma das maiores fontes de renda do Quilombo Campinho da Independência.

O Quilombo Campinho da Independência localiza-se entre Ubatuba e Paraty no km 584 da BR-101 segundo ao blog do Quilombo ([www.paraty.com.br/blog/quilombo-do-campinho](http://www.paraty.com.br/blog/quilombo-do-campinho)) acessado no dia 21/08/2015.

Ao chegarmos ao Quilombo Campinho da Independência, caminhamos por uma longa trilha que levava ao pátio central, que era uma grande clareira. Ao lado desse pátio, havia um restaurante, onde o cheiro da feijoada caseira predominava.

Após nos reunirmos no pátio central, fomos em direção ao restaurante, subimos as escadas de madeira, e nos sentamos no segundo andar, onde havia quadros, janelas, e algumas tapeçarias. Lá, ouvimos as histórias de um antigo integrante do Quilombo, uma Griô. Depois de minutos de interessantes histórias, descemos as escadas do restaurante e continuamos o nosso passeio.

Após a palestra, fomos todos dançar o Jongo, que é uma dança tradicional quilombola, além de ser uma representação religiosa e cultural. Começamos tímidos, todos formadinhos na roda apenas observando a Griô, que é um membro religioso do quilombo. Mas, aos poucos, todos foram convidados pela felicidade e a beleza da dança. Quando começamos a dançar, ficamos alegres e ficamos mais descontraídos. Quando nos demos conta, já estávamos nos divertindo e tirando fotos no meio da roda.

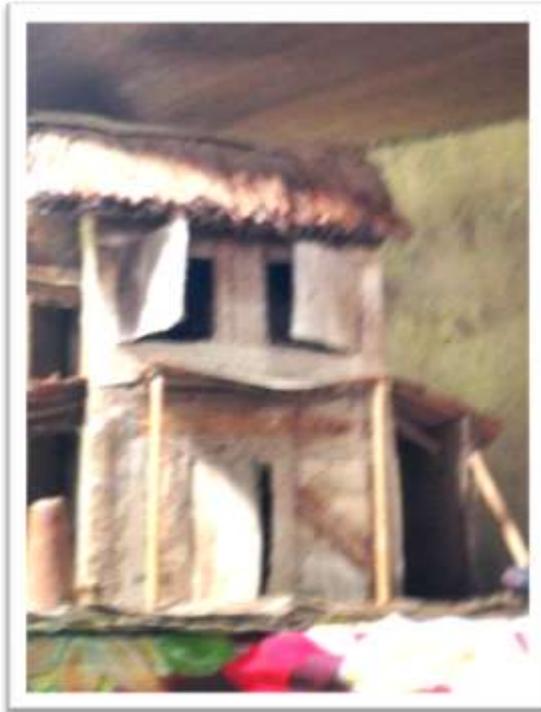


**Tambor no qual é tocado o jongo**

Depois, iniciamos uma caminhada para explorar e conhecer o Quilombo.

Durante a caminhada, era predominante o aroma da grama, das flores e de muitos frutos. Prevaleciam o tempo quente e a suave umidade do ar, que era fornecida pelas plantas.

Ao longo de nossa expedição, conhecemos muitas construções, como igrejas, residências, uma escola, uma casa de produção de diversas farinhas e uma casa de artesanato, que fabrica produtos feitos de recursos naturais, como, por exemplo, plantas, árvores e frutos. Nesta casa, vimos tapetes e filtros dos sonhos feitos de madeira.



**Um dos artesanatos da casa do artesanato**

Após observarmos esta comunidade, ficamos impressionados com a situação. Sua população sobrevive com tão pouco e nós, que temos tudo, sempre queremos mais.

Analisamos e discutimos sobre a escola, que mostra a simplicidade dos moradores que vivem lá e, mesmo assim, são felizes. A escola é cursada somente do 1º ao 5º ano para ensinar o básico às crianças, enquanto a nossa vai da pré-escola até o 3º ano do Ensino Médio. Depois, podemos continuar por 4 ou 5 anos na faculdade para conseguirmos bons empregos e termos um futuro melhor.



**Igreja católica e escola quilombola**

Após o *tour* pelo Quilombo Campinho da Independência, andamos por um caminho de terra, na direção do restaurante, para comer a saborosa

feijoada do Quilombo. Ela continha como acompanhamento farinha, laranja, couve e arroz, todos fabricados no próprio Quilombo. A feijoada é o prato mais conhecido do tal lugar e chega a ser um símbolo do local.



**Restaurante do Quilombo**

Quando comemos a feijoada sentimos um toque caseiro, com um tempero que fez com que nos sentíssemos em família, em um almoço na casa de nossas avós.

A feijoada em si traz uma história que poucos conhecem. Os senhores do café forneciam aos escravos resto das carnes (suína e bovina), que eram cozidos com feijão e água e daí nasceu a receita da tão famosa feijoada.

Achamos interessante que, no dia 13 de maio, alguns integrantes do nosso grupo presenciaram uma gravação de um canal de televisão, na qual mostrava a comemoração do quilombo quanto ao dia em que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea (Lei na qual é decretada a Abolição da escravatura). Essa lei mostra que ninguém tem o direito de “possuir” ninguém. Mas o ruim é que a Princesa assinou a lei com intuito de ganhar dinheiro, pois os escravos se tornariam membros da sociedade e teriam de pagar impostos e tudo o que consumiam.

Achamos interessante a preocupação da emissora com os quilombolas, pois, na realidade, ninguém se preocupa muito com eles, porém deveriam.

Nessa gravação, acabamos conhecendo pessoas famosas e tiramos várias fotos com elas.

Em seguida, fomos para o ônibus e aguardamos a volta para São Paulo e notamos que este foi o fim da nossa viagem a Paraty no Rio de Janeiro e da nossa visita ao Quilombo do Campinho da Independência

Posteriormente à saída do Quilombo, ficamos pensando que foi naquele lugar do qual acabamos de sair que as ex-escravas Antônica, Marcelina e Maria Luiza criaram um quilombo com a intenção de preservar suas raízes culturais, e, atualmente, esse lugar é um enorme ponto cultural, num espaço de 5 mil metros quadrados, com 280 hectares e já mudou a vida de 400 quilombolas do Rio de Janeiro (segundo ao site do quilombo).

Temos a certeza de que elas, mesmo falecidas, ficariam orgulhosas de terem conquistado essas terras. A posse de terras já eram delas desde 1999, mas agora são mais importantes, pois abrigam dezenas de famílias.